

DOUS DE JULHO

Antigamente... — Poetas e oradores da Lapinha — Festa do povo e da Bahia — Deliciosos exaggeros — A energia do velho civismo — Tradições que não devem morrer !

RIO, JULHO DE 1939.

ASSIM passam as tradições...

A O que era o 2 de Julho, antigamente!
Nem é preciso recorrer á memoria dos velhos, á saudade dos que se vão despedindo da vida. Ha vinte, ha quinze annos ainda o 2 de Julho floria o bairro da Lapinha como se fóra um dia de Reis. Havia passeata, discursos de corêto, préstito e fôgos. A Cabocla não sahia mais, como outr'ora, catita e côr de cobre no seu carro allegorico: mas todos iamos visitá-la no seu novo barracão junto da igreja, da velha igreja hoje terrivelmente demudada, em templo góthico (porque?). Predomina o branco dos trajés; e á lapella, o verde-e-amarello d'uma insignia orgulhosamente ostentada em todos os peitos. As charangas, a multidão, a eloquencia dos estudantes na praça publica, as janellas repletas de moças curiosas, no ar esfuziando, em gyrândolas, os foguêtes, completavam um quadro de alegria popular e saudavel. Ninguém visse nessa festa um sentido es treitamente historico. Era um jubileu civico. A commemoração das glorias bahianas: e a identificação, com ellas, com esse brilhante passado, do rapaz das academias, do caxeiro da cidade baixa, do intellectual, do burguez, do homem de trabalho, do operario. Exaltava-se então a terra natal: as suas cousas e os seus heróes. A Independencia servia de pretexto: Independencia pelejada e conquistada pelas armas bahianas. O motivo profundo e verdadeiro era o culto de tres seculos de amôr de sua cidade, dos seus brazões e dos seus filhos. Ha oitenta, cinquenta annos a Bahia nessa occasião se transformava num theatro patriótico. Era, sobretudo, uma tribuna. Para oradores e poetas. Grandes poetas; oradores preciosos. Ruy e Castro Alves fulguraram, ao seu tempo, á frente das phalanges patrióticas. O conselheiro Dantas commandou batalhões puxados pelas philarmonicas que accorriam do reconcavo, para o "triumpho". Um professor da Faculdade de Medicina, mestiço talentoso, repentista como Francisco Muniz Barreto, da roda de Salustiano Ferreira Souto e Antonio José Alves, o Dr. Luiz Alvares dos Santos, levava o seu enthusiasmo ao exaggero de phantasiar-se de indio tupinambá para gular, pelas ruas, a multidão delirante. De arco e flecha, cocar á cabeça e um cinto de plumas, tardia encarnação do bom selvagem, em cuja altivez romantica palpitavam altas qualidades raciaes. Seria ridiculo — sem duvida — se não fosse commovente... Havia mocidade, destempêro ideologico, coragem espiritual nessas demasias que congregavam, que impelliam para o largo da Lapinha e Estrada da Liberdade uma população contente do seu nacionalismo. Freneticamente brasileira. Deliciosamente enamorada do seu paiz. Vibrante, ingênua, arrogante: e faminta de rythmos, de phrases de rimas. Principalmente exigente de poesia, doida por versos...

A propria municipalidade dava uma attenção escrupulosa aos actos de 2 de Julho; e proclamava ao povo, como se, todos os annos, se tivesse repetir a Independencia... "Bahianos! Não tarda a raiar de novo no horizonte da patria o sol da liberdade". Tinha essa linguagem o seu Edital de 1875.

Muniz Barreto, em nome dos veteranos, cantava:

Essa cabloca engraçada
Que traz a face tostada
De Beljos que dá-lhe o sol!

E, de roupa de meia, fingindo de cacique, o professor Luiz Alvares exortava:

São elles: as fronte de glorias enastradas
Elevam sorrindo na terra da Cruz.
Olhae-os: na festa da noite de Julho
Derrama a sciencia torrentes de luz.

Tradições nobres, estridentes: e tão esquecidas... Não deviamos permittir que morressem!